

# Racismo e sexismo linguístico: questões semânticas e morfológicas

Dayana Moreira Neri<sup>1</sup>

Suelem Teixeira<sup>2</sup>

## Resumo

A relação indissociável entre língua e sociedade apresenta tensões, pois, se por um lado, a língua altera uma dada comunidade, por outro, é determinada pelo seu momento histórico e apresenta suas contribuições sociais e ideológicas. Ao longo dos tempos, o signo linguístico vem sofrendo mudanças nos planos semântico e morfológico, nos quais também se camuflam o racismo e o sexismo linguísticos, marcas de uma sociedade preconceituosa e desigual. O seguinte trabalho procura analisar, pois, significados no léxico da língua portuguesa que acarretam sinais de dominação patriarcal e estigmatização etnicorracial. Para tanto, o corpus analisado é oriundo do dicionário Houaiss e Michaelis tendo como ponto de partida as discussões levantadas por Carboni e Maestri, dentre outros.

**Palavras-chave:** Racismo linguístico. Sexismo linguístico. Léxico. Semântica. Morfologia.

“[...] a palavra do outro não é uma informação, uma indicação, uma regra, um modelo, etc. ela procura definir as próprias bases do nosso comportamento e de nossa atitude diante do mundo [...]”. [BAKHTINE, 1999:161]

A língua é bastante representativa das relações políticas, sociais e ideológicas de seus falantes, logo, numa sociedade patriarcal e preconceituosa

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras vernáculas da Universidade Federal da Bahia e bolsista do programa PET/Comunidades Populares-UFBA, sob orientação do Prof. Dr. José Henrique de Freitas.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras vernáculas da Universidade Federal da Bahia e bolsista do programa PET/Comunidades Populares-UFBA, sob orientação do Prof. Dr. José Henrique de Freitas.

como a brasileira, ela também se mostra dessa forma. Em face disso, analisaremos – através de um estudo semântico, morfológico e pragmático – como o racismo e o sexismo se apresentam na língua portuguesa, em especial nos dicionários. Tais reflexões surgiram a partir de uma inquietação de falantes e pesquisadoras da língua portuguesa, sensíveis às questões de gênero e raça, que perceberam a inexistência de uma preocupação na área dos estudos linguísticos sobre essas temáticas. Nossas discussões tiveram como ponto de partida as leituras de *A linguagem escravizada*, dos autores Carboni e Maestri e de *Língua e sociedade*, de Otavio Ianni. Com os primeiros, atentamos para a aparente – porém falsa – neutralidade da língua, justamente por ela ser criada e recriada constantemente no contexto do mundo social e por estar inserida nas relações de poder. Já com o segundo autor, percebemos que há trocas entre língua e sociedade, pois na relação indissociável estabelecida entre ambas, ocorre uma dupla alteração enriquecedora do universo cultural, visto que é na cultura que a língua se constitui e a cultura é constituída também pela língua.

Uma vez que o enfoque deste trabalho é semântico, morfológico e pragmático, buscaremos definir vocábulos em uso corrente na língua portuguesa, através de conceituações retiradas de dicionários etimológicos da língua portuguesa e dos dicionários MICHAELIS e HOUAISS, os quais servirão como base para realizarmos uma análise sincrônica e diacrônica dos termos pesquisados. Esses vocábulos serão investigados tanto na sua estrutura como no seu significado, destacando algumas significações no tempo aparente (sincronia) e no tempo histórico (diacronia) as quais poderão revelar as ressemantizações por eles sofridas, a fim de atender aos interesses sociais e políticos em jogo nos seus variados usos.

Nossa fonte, o dicionário, é importante por representar a memória coletiva de um povo, por ser uma de suas instituições simbólicas e por registrar a ampliação significativa sofrida pelo signo linguístico. Muito embora, como afirma Orlandi (2002) “o dicionário silenci[e] sobre o fato de que não há palavra, não há sentido sem interpretação, sem ideologia, justamente, por que o efeito ideológico da dicionarização, tal como procede, apaga a ideologia”, ou seja, as definições nele inseridas são instituídas de forma aparentemente neutra, como se não tivessem nem a influência externa do lexicógrafo, nem da sociedade

que as construíram. Como sabemos, a sociedade brasileira foi fundamentada de acordo com padrões de uma classe dominante – colonizadores – e como todos os aspectos constituintes de uma vida coletiva, a língua não foi eximida das cargas opressoras e preconceituosas, em especial na descrição, denominação de grupos minoritários. O poeta e crítico Cuti nos diz que “a língua portuguesa no Brasil se cristalizou a partir das determinações de uma classe dirigente. Então, ela se cristalizou com todos os preconceitos, com toda a ideologia racista, incrustada nessa língua”. (in [http:// www.luizcuti.silva.nom.br/diventrev.html](http://www.luizcuti.silva.nom.br/diventrev.html)). Ela, apesar de passados muitos anos, ainda mantém um modelo de funcionamento que subalterniza as mulheres de uma forma geral e também os negros.

Através de uma análise semântica, evidenciamos como as representações individuais vão se construindo por meio da língua e de que maneira a sociedade elege seu conjunto de referenciais para orientar as pessoas a agirem e a se relacionarem com os outros e consigo. Sincronicamente, observa-se que palavras como “mulher” e “homem” trazem enraizados o racismo e o patriarcalismo que orientam nossas práticas sociais. No dicionário Houaiss de língua portuguesa (2009), pode-se perceber claramente uma distinção entre os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. De uma forma geral, o termo “homem” designa “Indivíduo da espécie humana, a humanidade”, mais especificamente, se refere ao “Ser humano do sexo masculino” e, popularmente, o homem é visto numa posição de par de uma mulher, quer seja como marido ou como amante. Também se observa um conteúdo machista numa outra definição, a qual se refere a características consideradas tipicamente (ou exclusivamente) masculinas, como “coragem, força, determinação, vigor sexual”. Assim, vê-se que há uma associação a traços fortemente valorizados e só há ligação com a palavra mulher no caso de ele ser seu par ou companheiro, como é o caso de “marido ou amante”. Já para a palavra mulher, o dicionário apresenta “o ser humano feminino, considerado em conjunto, ideal ou concretamente, mulher feita, adulta”. Embora seja significativo o avanço do dicionário Houaiss ao colocar a mulher também como ser humano, ele ainda apresenta traços da sua subjetividade inferiorizando-a em relação ao homem: “na tradição, como indivíduo e/ coletivamente,

representação de um ser sensível, delicado, afetivo, intuitivo; fraco fisicamente, indefeso (o 'sexo frágil'), idealmente belo (o 'belo sexo'), devotado ao lar e à família (mulher do lar) etc.". Em contrapartida, o dicionário Michaelis traz a palavra mulher estabelecendo uma relação de dependência ao seu termo opositivo homem "Feminino de homem". Um equívoco, criticado por linguistas como Monteiro (2002) quando este afirma que "mulher" não é feminino de homem, é apenas um termo privativamente feminino que supre a falta de flexão de homem", ou seja, mulher é sempre feminino e não uma flexão da palavra homem. Nesse caso, há uma variação de gênero por heteronímia e não por flexão: ser mulher não é ser uma especificação de homem; sua existência independe da existência do homem.

A análise feita acima confirma o patriarcalismo já apontado por Carboni e Maestri (2003:55) quando afirmam que "Em uma sociedade patriarcal, a língua assume aparência e conteúdo patriarcal". Logo, se no plano semântico há nitidamente uma hierarquia entre homens e mulheres, pode-se perceber, também, no aspecto morfológico, o quanto o gênero masculino dissolve o feminino sempre que é necessário indicar um plural entre pessoas dos dois sexos. Segundo Câmara Jr. (1970) o masculino é uma forma geral, não marcada morfológicamente, sendo o feminino uma especialização qualquer. O autor afirma que não podemos considerar **-o** como marca de masculino por opor-se a **-a** como no par garoto/garota porque esse mesmo raciocínio nos obrigaria a considerar como masculino o **-e** de mestre que também se opõe a **-a**, mestre/mestra. Entretanto, esse argumento pode ser facilmente debatido se levarmos em consideração que o **-o** está intimamente ligado à noção de masculino, como defende Kehdi (1996). Este autor acredita que a flexão de gênero não se reduz a uma oposição **Ø / -a** e, sim, a uma oposição **-o / -a**, tanto que - defende ele - "o povo em sua linguagem espontânea, cria formas masculinas sempre em -o", por ex.: criança, madrasto, corujo. Além disso, em "Boa tarde a todos" ou em "Os senhores estão de acordo?" o gênero feminino desaparece por detrás do masculino e, mesmo que num determinado local a presença feminina seja majoritária, o plural será realizado dessa forma. Isso comprova o que discute Carboni e Maestri em A linguagem escravizada: o "caráter aparentemente abrangente, sintético e neutro do gênero masculino, impõe sua essência social, reforçando as relações de dominação patriarcal do

mundo real” (2003:55) e assim, há a expressão ideológica da ocultação da mulher pelo homem.

O processo de semantização dos signos linguísticos que estamos analisando data do período colonialista onde os europeus, em especial os portugueses aqui no Brasil, desconsideraram toda manifestação cultural dos povos que aqui se encontravam inclusive a língua. Dessa forma, eles estabeleceram um único sentido aos vocábulos relacionados a esses povos, dando início assim, à supremacia da etnia branca sobre a negra e a indígena. As palavras vigoram por várias épocas e carregam em si um leque de sentidos mesmo sendo estes descentrados do momento histórico e social ao qual foram estabelecidos (Carboni e Maestri, 2003). Durante as análises dos vocábulos ‘negro’ e ‘escravo’, perceberemos o quão preñes de sentidos negativos eles são, além de estarem interligados a uma ideologia de poder. Recorrendo ao dicionário etimológico da Língua Portuguesa, verificamos os seguintes significados para a palavra “escravo”: adj.sm. ‘cativo, servo’, ‘indivíduo que vive em estado de absoluta servidão | scrauo XV, escrauo XV etc. |Do lat.med.sclavus( = gr.biz.sklábos),cuja acepção primitiva era ‘eslavo’;a translação de sentido decorre do fato de que,nos sécs. VIII-IX,Carlos Magno e seus sucessores aprisionaram grande número de eslavos,tornando-os cativos [...].A partir dessa definição podemos traçar uma linha histórica onde descobriremos como essa significação foi imposta.A palavra ‘escravo’,como apresentada no dicionário,originou-se devido aos escravos, povos trazidos cativos da Esclavônia ‘[nos Bálcãs,nas regiões da Sérvia]’,ou seja,o escravo era uma denominação étnica que com o tempo foi perdendo esse sentido de nacionalização para estabelecer um sentido de servidão e opressão. Como observado no decorrer da historia, os colonizadores europeus desumanizaram os indivíduos pertencentes a outras culturas e regiões, e com isso, sobrepuseram sua cultura em relação às demais, estabelecendo, assim, um plano hierárquico no qual eles ocupavam o ‘topo da pirâmide’. Como forma de canonizar essa cultura, os europeus utilizaram também a língua para manter uma relação de poder sobre os cativos, deixando evidente que “os termos que os colonizadores fundiram ou se utilizaram no processo colonial foram profundamente determinados pela ideologia colonizadora” (Carboni e Maestri, 2003:65).

As pessoas que foram escravizadas não se autodenominavam 'escravos' - nomenclatura de origem senhorial - e sim, 'cativos'. Além disso, mesmo sendo obrigados a conviver com uma linguagem opressiva, entre si, eles utilizavam palavras como: "mãe", "pai" "malungo"; vocábulos esses que mostravam como ocorria o tratamento nas sociedades africanas. Desse modo, podemos perceber o quanto os africanos resistiam em usar a língua do opressor.

Partindo da palavra 'escravo', veremos que com o decorrer do tempo surge a palavra 'negro' de origem latina *niger, gra, grum*. O que nos faz ponderar acerca dessa palavra é o quanto a mesma é relacionada a sentidos ruins, desprestigiados e desagradáveis. Segundo o dicionário etimológico, o vocábulo 'negro': adj. significa 'preto, sujo, lúgubre' XII [...]. E, no dicionário Michaelis, as definições para a palavra 'negro' são ainda mais depreciativas. Nele, negro: adj. (lat. *nigru*) é definido como: 1. Que recebe a luz mais não reflete; preto. 2. Escuro. 3. Sombrio. 4. Denegrido, requeimado do tempo, do sol. 5. Lutuoso; fúnebre. 6. que causa sombra; que traz escuridão. 7. Tenebroso, caliginoso. 8. Tempestuoso. 9. Tétrico, horrível, lúgubre. 10. Que pertence à raça ou ramo negro. 11. Ameaçador, medonho. 12. Condenado, maldito. 13. Que anuncia infortúnios; funesto, nefasto. 14. Horrendo, pavoroso. 15. Perverso. 16. Adverso, inimigo. 17. Execrável, nefando odioso. sm 1. Indivíduo da raça negra. 2. Escravo. 3. Homem que trabalha muito. 4. poét. Escuridão, trevas [...]. Assim, percebe-se que a imagem do negro é projetada no imaginário social com todos esses sentidos e manifestada, "naturalmente", de forma que não se identifica essa engenhosidade, contribuindo, assim, para a crença no mito da democracia racial (CUTI, 2010). Sabermos que a língua funciona como "sustentáculo da ideologia" nos permite analisá-la de outro ângulo, policiando-nos quanto ao seu uso. Para além disso, nota-se que essas significações não se fecham em si, mas são ditas e usadas no dia a dia. Exemplos vívidos desse comportamento são as associações feitas, majoritariamente, à palavra 'negro' e algumas derivações desta, como 'neguinho' e a variação pejorativa de negrinha - 'nigrinha' - para representar e/ou denunciar as situações corriqueiras.

A partir da discussão que propomos nesta primeira etapa da pesquisa, tecemos nossas considerações finais, a partir da percepção de que o sexismo

e o racismo operam, no decorrer do tempo, sob diversas formas e utilizam, também, como estratégia de camuflagem, o recurso da língua, inculcando nela, toda a sua ideologia opressora e excludente, evidenciando o que Bakhtin (1981:41) mostra ao declarar que “[...] A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada [...]”. Ocorre que como a língua configura o pensamento, os modelos linguísticos relacionam-se aos modelos socioculturais. Justamente por esse motivo, que pudemos verificar vocábulos da língua portuguesa que subalternizam a mulher frente ao homem e que inferiorizam social, intelectual e psicologicamente a etnia negra frente à etnia branca, a partir de acepções discriminatórias.

## REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Maria Emilia. Dicionário: memória lexical da sociedade. Disponível em:<<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iii%20cnlf%2020.html>>. Acesso: 10 setembro 2011.
- CAMARA JR., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes limitada, 1970.
- CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. A linguagem escravizada. In: \_\_\_\_\_. *A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.p.51-89
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua português / elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua portuguesa*. S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em:<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 6 setembro 2011.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- MONTEIRO, José. *Morfologia Portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *Poéticas negras: representações do negro em Castro Alves e Cuti*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das ideias no Brasil*. Cortez Editora, 2002.
- ZANOTTO, Normelio. *Estrutura Mórfrica da Língua Portuguesa*. 3. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. Identidade e dominação. In: \_\_\_\_\_. *O sortilégio da cor*. Selo Negro Editora, 2003.p.29-77